

ALFABETIZAR , EM 1976

Maria João Mogarro*

... E à minha memória acorrem as imagens de uma sala de aula do ensino primário que acolheu homens e mulheres de rostos curtidos pelo sol e mãos fortes e sólidas, calejadas pelos pesados trabalhos agrícolas, os quais se tentavam acomodar nas cadeiras usualmente utilizadas pelos seus filhos e netos.

Não será muito frequente viver a primeira experiência como docente aos dezasseis anos. Mas este facto torna-se mais compreensível se o situarmos num curso de alfabetização, no já distante verão do ano de 1976. Assim, a transferência do campo discente para o exercício de funções de formadora/educadora num processo de aprendizagem das operações mais elementares da leitura e de escrita, do contar e do "juntar", torna-se mais significativa e explícita à luz do contexto da época - até porque este nos surge hoje filtrado pelos anos desde então decorridos e expurgado de forte carga político - revolucionária que então (e no tempo mais próximo) acompanhou a sua vivência.

Foi nos meses de Setembro, Outubro e Novembro desse ano que um grupo de jovens se empenhou num processo de alfabetização, na pequena localidade que José Saramago baptizou, no seu livro *Levantado do Chão*, com o nome de Monte Lavre, associando deste modo ao nome real a designação de uma das mais típicas formas de residência do espaço alentejano.

O grupo de alfabetizadores era numeroso, o que reflectia o interesse que esta iniciativa suscitou entre os jovens originários da terra. Eu, o Carlos, a Florinda, o Santos, a Vitória, o Arlindo empenhámo-nos com entusiasmo em promover este curso. Juntámo-nos a outros estudantes, vindos de um meio urbano e integrados no Movimento Alfa - a Isabel, a Teresa, o Branco, a Guida, a Ana, o Frias, o Miguel Ângelo. Eram estudantes com uma experiência de vida essencialmente cidadina, que passaram esse verão naquela localidade alentejana, promovendo iniciativas culturais (como espectáculos de música e teatro) e participando quotidianamente nas actividades económicas, sociais e

mesmo familiares da população.

Foi o tempo de uma relação intensa entre estes jovens da cidade e a comunidade local, relação essa nem sempre isenta de conflitos decorrentes de um confronto de valores e de práticas - não só de gerações, mas também de uma cultura urbana que se choca com hábitos caracterizadamente rurais de um país interiorizado.

O curso de alfabetização foi uma actividade importante, surgido na sequência deste contacto prolongado, e estreitou a relação entre os jovens locais e os que vinham da cidade.

Para iniciar o processo de alfabetização, o grupo de alfabetizadores tentou adquirir uma preparação mínima, e desenvolveu uma acção de sensibilização junto dos analfabetos locais a favor desta iniciativa. Quanto ao primeiro aspecto, obteve-se alguma formação e materiais de apoio junto dos serviços autárquicos e de outros grupos que desenvolviam iniciativas semelhantes, encontrando-se numa fase mais adiantada do processo. Por outro lado, promoveu-se nos contactos do dia a

*Assistente do 2º Triénio da ESEP.

dia uma sensibilização da população local com vista à sua maior alfabetização.

Na verdade, mesmo num ambiente conjuntural favorável, como aquele que então se vivia, as resistências a actividades deste género são muitas, já que pressupõem um grande esforço da parte dos alfabetizandos para vencerem a sua inibição inicial e para introduzirem alterações na sua rotina quotidiana e na organização do tempo pessoal e familiar.

Mas as adesões foram surgindo. E numa noite quente de verão juntámo-nos todos no edifício da escola primária para dar início às aulas. O mobiliário era inadequado à estatura dos alfabetizandos, adultos e de idades variadas, e a organização do espaço remetia para interesses que pouco tinha a ver com eles próprios. Mas a Chica, a Sr^a Feliciano, a Bernardina, a Isaura, o Custódio, o Elias, o Batoque, o Joaquim José, o João Matias, a Ofélia, o Eduardo, a Cândida, o António César, projectavam naquele lugar a sua imagem da cultura, do mundo alfabetizado dos que entendiam as letras e por elas podiam comunicar; por isso, estarem naquele local, a aprender, era o primeiro passo para participarem desse mundo misterioso de sabedoria em que, iniciaticamente, estavam a ser introduzidos.

Os dias foram passando, as aulas continuavam, os dedos afeiçoavam-se ao lápis e ao trajecto fugidio das curvas e traços para desenharem as letras; os sons ganhavam existência concreta nesses traços feitos palavras, e o alfabeto abria-se ao entendimento desses homens e mulheres que aspiravam ao saber - porque assim o entendiam.

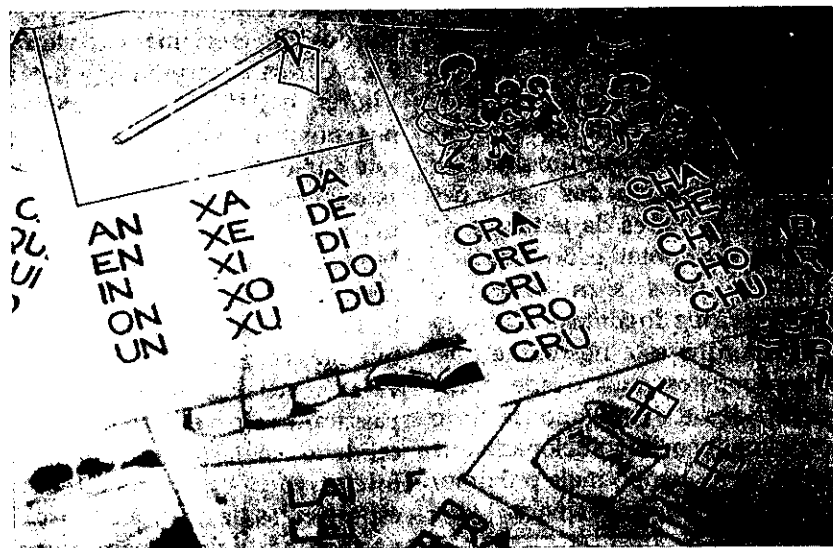
Os jovens estudantes da capital partiram para as suas aulas, para a sua cidade. E nós continuamos, metodicamente, a ajudar a desbravar o matagal do alfabeto, das palavras e das frases, das construções sintácticas e dos sentidos.

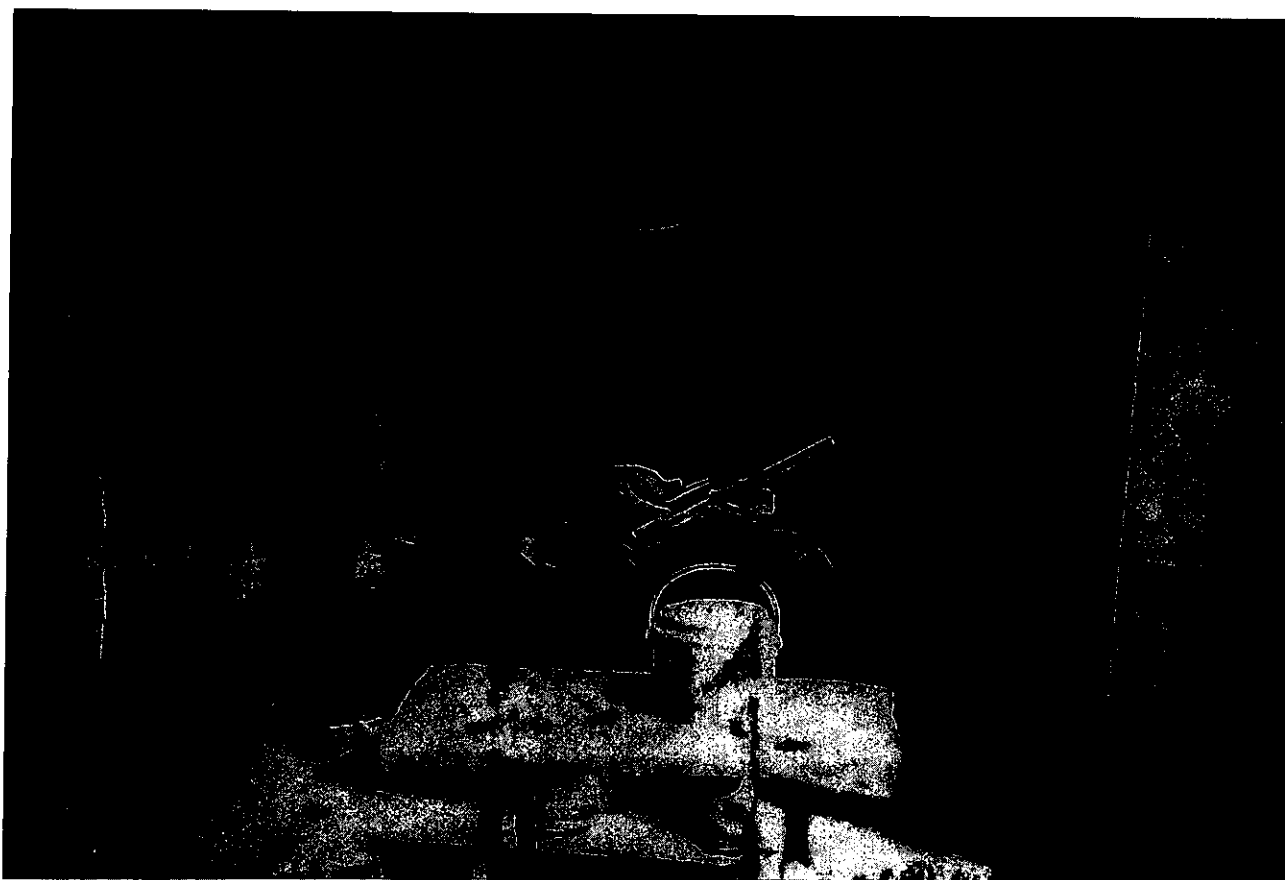
Nas aulas seguíamos sempre o mesmo método, tendo como referência o contributo de Paulo Freire. A palavra-geradora (ver lista de palavras-geradoras, que foram utilizadas ao longo do curso) desse dia era introduzida de forma explícita (geralmente por meio de um desenho) para que fosse fácil identificar, pela sua visualização, a referida palavra. Seguidamente, dinamizava-se um pequeno debate que, a partir da palavra identificada, permitisse abordar situações concretas da vida dos alfabetizandos, relacionando-a tematicamente com a palavra que tinha despoletado a conversa.

Muito ao gosto da época, tentava-se orientar o debate através de um percurso que começava por

focar os aspectos económicos, e depois os sociais e os políticos. É verdade que as pessoas estavam motivadas e mostravam-se interessadas para estas abordagens; mas, para além delas, emergia a experiência vivida dos alfabetizandos, os seus problemas pessoais, e também o à-vontade de os colocar em comum, desinibidamente e de em grupo reflectir sobre eles. Estes momentos estiveram na origem de outras iniciativas que levaram o grupo de alfabetizadores e alfabetizandos a encontrarem-se fora da escola; mas eram também momentos que consolidavam o desejo de aprender, principalmente aprender a palavra que tinha dado origem à análise das diferentes situações existenciais concretas.

Era altura de orientar a atenção de todos para a palavra escrita, sob o desenho que a identificava no início da sessão. Os alfabetizandos eram então levados a ler a palavra (se já tivessem um número razoável de lições), destacando os "bocados" fonéticos que encontra-





vam nessa leitura. A palavra era então decomposta em sílabas, e estas apresentadas com a respectiva família fonética.

Cada família fonética era estudada uma a uma, e depois apresentadas em conjunto. Fazia-se uma leitura vertical e outra horizontal. Seguidamente, os alfabetizando eram convidados a formar outros vocábulos, através de uma combinação de fonemas. Esta tarefa era geralmente continuada em casa, para consolidar a aprendizagem, e exercitar a descoberta do mecanismo das combinações fonéticas.

A alfabetização por este método era, nos casos do grupo das pessoas mais avançadas (tinha sido formado outro grupo alfabetizando, com conhecimentos de nível inferior), acompanhada do

ensino das operações mais simples, e de outros conhecimentos necessários para a obtenção do "exame de 4ª classe" do ensino primário.

Esta prova era uma forte motivação para várias das pessoas que regularmente frequentavam as aulas, embora outras fossem impulsionadas pelo pleno desejo de aprender e dominar a comunicação escrita.

Este sentimento foi sintomaticamente expresso pelo Srª. Feliciano quando, passados anos, ainda me falava com orgulho das cartas que escrevia à família pelo seu próprio punho e das notícias que lia no jornal diário que chegava lá à terra.

Resultado obviamente gratificante, para quem via assim o resultado da sua actividade.

Lista

PALAVRAS-GERADORAS

- 1 - Luta
- 2 - Tijolo
- 3 - Trabalho
- 4 - Comida
- 5 - Máquina
- 6 - Vinho
- 7 - Saúde
- 8 - Classe
- 9 - Riqueza
- 10 - Terra
- 11 - Operário
- 12 - Fábrica
- 13 - Creche
- 14 - Escola
- 15 - Preço
- 16 - Celeiro
- 17 - Emprego
- 18 - Freguesia
- 19 - Girassol
- 20 - Enxada
- 21 - Comissão
- 22 - Votar
- 23 - Herdade